A LITERATURA INFANTIL A PARTIR DE UMA VISÃO CRÍTICA SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE

Jéssica Pereira Burgo Braga [1]
Luciano José de Lima [2]
Sarah Monteiro da Silva [3]
Rodrigo Lira da Silva [4]

INTRODUÇÃO [1]

Considerando o papel formativo da literatura no desenvolvimento da criança, este estudo examina como a formação inicial de professores da educação infantil influencia o espaço concedido à literatura em sala de aula, buscando identificar lacunas e insuficiências nos cursos de Pedagogia. A pesquisa surgiu de experiências vivenciadas em uma disciplina sobre educação infantil focada em projetos político-pedagógicos, durante a qual os autores observaram e ministraram aulas em uma escola municipal de Recife. Eles constataram uma ausência recorrente de literatura infantil em sala de aula, o que despertou o interesse em investigar possíveis lacunas nos cursos de Pedagogia nessa área. O objetivo geral do estudo é analisar o papel da formação inicial na configuração das práticas de leitura e da mediação literária na educação infantil. Esse objetivo desdobra-se em dois pontos específicos: (1) identificar lacunas nos cursos de Pedagogia quanto ao ensino de literatura infantil; e (2) compreender a percepção dos professores sobre a importância da literatura em sua prática pedagógica. Os resultados confirmam empiricamente o diagnóstico teórico: das seis instituições analisadas, duas não incluem nenhuma disciplina sobre literatura infantil em suas grades curriculares de Pedagogia, enquanto nas demais o tema aparece em apenas uma ou duas disciplinas, no máximo. Entre os professores participantes, apenas quatro relataram experiências literárias significativas durante a graduação, e somente dois sentiam-se plenamente preparados para realizar a mediação de leitura ao final de sua formação. Embora 15 dos 20 professores utilizem

[1] Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco- UFPE- jessica.burgo@ufpe.br
[2]Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco- UFPE- luciano.jlima@ufpe.br
[3]Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco- UFPE- sarah.mont198@gmail.com
[4] Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco- UFPE- rodrigo.liras@ufpe.br

frequentemente a literatura em sua prática, apenas dois a consideram uma experiência estética e formativa, evidenciando que a presença da literatura e a qualidade da mediação são dimensões distintas. Essas conclusões revelam um ciclo que se auto perpetua: professores que não vivenciaram a literatura como uma atividade significativa durante a própria infância ou formação chegam à sala de aula reproduzindo a abordagem instrumental que lhes foi ensinada. Isso reforça a urgência de uma revisão dos currículos que vise reconhecer a literatura como uma dimensão fundamental, e não meramente acessória, da formação de professores de Pedagogia.

METODOLOGIA

A presente pesquisa adota uma abordagem quali-quantitativa, também conhecida como métodos mistos. De acordo com Creswell e Plano Clark (2013), essa modalidade integra a coleta, a análise e a combinação de dados quantitativos e qualitativos em um mesmo estudo, favorecendo uma compreensão mais abrangente do problema investigado. A escolha dessa abordagem justifica-se pelo objetivo de analisar de que maneira a formação inicial dos professores da Educação Infantil influencia o trabalho com a literatura em sala de aula, considerando tanto dados objetivos quanto percepções, experiências e significados atribuídos pelos participantes.

O caráter quantitativo está presente na análise das questões fechadas do questionário, por meio das quais foram identificadas frequências, porcentagens e tendências nas respostas. A dimensão qualitativa, por sua vez, concentra-se nas questões abertas, que possibilitaram aos docentes expressar suas opiniões sobre as limitações da formação inicial, as possibilidades de aprimoramento e as experiências relacionadas à utilização da literatura na prática pedagógica.

Segundo Minayo (2001), a pesquisa quantitativa utiliza dados mensuráveis e procedimentos estatísticos para analisar os fenômenos, enquanto a abordagem qualitativa permite compreender aspectos subjetivos que não podem ser plenamente explicados por números. Dessa forma, a articulação entre essas perspectivas contribui para uma análise mais completa, reunindo informações sobre padrões gerais e interpretações fundamentadas nas experiências dos participantes.

Quanto aos objetivos, a pesquisa é de natureza descritiva, pois busca identificar e examinar as percepções dos professores acerca da formação inicial em literatura infantil e seus efeitos sobre a prática pedagógica. O público investigado é composto por docentes graduados em Pedagogia que atuam ou possuem experiência na Educação Infantil. A amostra foi definida por conveniência, de maneira não probabilística, totalizando 20 professores que concordaram voluntariamente em participar do estudo.

Para a obtenção dos dados, utilizou-se um questionário estruturado com 20 perguntas, sendo 17 fechadas, com alternativas de múltipla escolha ou resposta única, e três abertas. O instrumento foi organizado em seis eixos temáticos: perfil dos participantes; formação inicial e literatura infantil; formação como leitor(a); literatura e prática pedagógica; análise crítica da formação inicial; e lembranças da infância escolar.

A aplicação do questionário ocorreu presencialmente, buscando facilitar a participação dos docentes. Os participantes foram esclarecidos sobre os objetivos da investigação, e suas identidades foram mantidas em sigilo, respeitando os princípios éticos da pesquisa. Posteriormente, os dados quantitativos foram sistematizados em tabelas e gráficos e examinados por meio da estatística descritiva, com base em frequências e percentuais. As respostas abertas foram analisadas mediante categorização temática, agrupando-se os relatos em núcleos de sentido identificados a partir de uma leitura sistemática.

Por fim, os resultados foram interpretados com base no referencial teórico da pesquisa, relacionando as informações obtidas às contribuições de Kramer (2007), Libâneo (2013), Saldanha e Amarilha (2018), Abramovich (1997), Cosson (2006), Soares (1998), Zilberman (2003), Colomer (2007), Freire (2011) e Silva (2015). Essa articulação permitiu aprofundar a compreensão das relações entre a formação docente, o desenvolvimento das práticas pedagógicas e a mediação da literatura infantil no contexto da Educação Infantil.

REFERENCIAL TEÓRICO

Refletir sobre a literatura na infância exige, antes de tudo, reconhecer sua função, que se estende para além da esfera puramente educativa. Antônio Cândido (2011, p. 188) já alertava para os perigos de privar uma criança do

acesso à literatura, pois esta satisfaz uma necessidade humana universal. De modo semelhante, Colomer (2017) argumenta que reduzir a literatura infantil a mera ferramenta de alfabetização ou a um passatempo obscurece seu potencial mais amplo. Essa abordagem inclui também uma dimensão estética: segundo Jauss (1994, p. 25), o encontro com uma obra literária não se inicia com uma interpretação racional de seu conteúdo, mas sim com o efeito sensorial que ela evoca no leitor. Compreendida dessa forma, a literatura atua simultaneamente nos níveis cognitivo, cultural e político do desenvolvimento humano. Dado seu papel central na formação do indivíduo, é fundamental considerar a capacidade dos programas de educação infantil de abordá-lo adequadamente. A legislação brasileira, especificamente o artigo 62 da LDB (Lei nº 9.394/1996), exige um diploma de ensino superior em ciências da educação (licenciatura) para lecionar no ensino fundamental e médio. No entanto, Kramer (2007, p. 15) enfatiza que essa exigência formal por si só não garante a qualidade da formação. Ele observa que os programas pedagógicos tendem a homogeneizar a infância, ignorando suas dimensões culturais e simbólicas. A formação em educação infantil, argumenta Kramer (2007, p. 21), envolve primordialmente o reconhecimento da criança como sujeito histórico e social, uma perspectiva que só pode ser sustentada por meio de uma formação atenta à linguagem, à imaginação e à experiência literária, e não simplesmente por sua aplicação didática. Colomer (2003) e Zilberman (2003) chegam a uma conclusão semelhante, ainda que por meio de abordagens diferentes: para ambos, a leitura literária constitui uma porta de entrada para o imaginário coletivo, e seu valor cultural existe independentemente de qualquer aplicação acadêmica. A mediação eficaz, portanto, considera o livro como um fim em si mesmo, e não apenas como um meio para abordar outro tema. Segundo Libâneo (2013, p. 70), o problema surge quando a formação de professores prioriza o conteúdo teórico e administrativo em detrimento das experiências estéticas, comprometendo, assim, sua capacidade de orientar a leitura com sensibilidade. Esse contexto de formação não pode ser considerado isoladamente; ele reflete um problema estrutural mais amplo: o histórico distanciamento dos brasileiros da leitura. Silva (2015) descreve esse distanciamento como resultado de fatores culturais, educacionais e institucionais acumulados ao longo do tempo, diagnóstico confirmado por dados do Instituto Pró-Livro (2020), que evidenciam o acesso limitado à leitura para a população, tanto dentro quanto fora da escola. Para Abramovich (1997), ouvir histórias molda leitores e indivíduos, reafirmando,

assim, o papel insubstituível da escola nesse processo. Colomer (2007) compartilha dessa visão, afirmando que os hábitos de leitura ao longo da vida são formados na infância por meio da leitura em voz alta, do compartilhamento de livros e do acesso a acervos diversos. Quando os professores não se beneficiaram dessas experiências, tendem a reproduzir práticas de ensino mecânicas, desprovidas de sensibilidade literária (Kramer, 2007, p. 15). Ferreira (2006) argumenta que essa falta de experiências na infância tem um impacto duradouro na relação dos adultos com a leitura e a cultura. Nesse contexto, a formação de professores desempenha um papel crucial, mesmo que nem sempre alcance seu pleno potencial. Colomer (2007; 2003) afirma que é responsabilidade da universidade demonstrar, por meio da prática e não apenas do discurso, o valor da leitura. Isso só é possível se os futuros professores perceberem a literatura como uma experiência rica e profunda durante sua formação, e não simplesmente como conteúdo técnico. Zilberman (2003) enfatiza que, ao comprometer esse processo, a formação de professores os priva da oportunidade de compreender a literatura como uma forma de arte e como um direito da criança. Saldanha e Amarilha (2018) resume sucintamente esse raciocínio, afirmando que não se pode ensinar as crianças a ler sem antes ensinar os professores a ler, e que a presença limitada da literatura nos programas educacionais reflete uma visão dela como mero acessório, e não como elemento estrutural da formação docente. Cosson (2006) corrobora esse ponto, argumentando que os próprios professores devem adquirir uma cultura literária durante seus estudos universitários; caso contrário, correm o risco de perpetuar uma abordagem mecânica mais tarde na vida.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa confirmaram nossa hipótese inicial. Das seis instituições de ensino superior analisadas, duas não possuem nenhuma disciplina específica de literatura infantil em seus currículos. Entre as 20 professoras participantes, 13 cursaram alguma disciplina relacionada à literatura, porém, 75% avaliaram esse espaço na formação como reduzido ou inexistente. Além disso, apenas duas professoras afirmaram sentir-se plenamente preparadas para atuar como mediadoras de leitura ao final da graduação.

Outro dado bastante significativo diz respeito à maneira como a literatura é trabalhada em sala de aula. Embora 15 das 20 professoras utilizem a literatura com frequência, apenas duas a compreendem como uma experiência estética, capaz de despertar a imaginação, a sensibilidade, a criatividade e o pensamento crítico das crianças. A maioria ainda utiliza os textos literários como instrumentos para ensinar outros conteúdos ou em datas comemorativas. Isso nos leva a compreender que a presença da literatura na escola não significa, necessariamente, uma mediação de qualidade.

Diante desses resultados, percebemos que existe um ciclo que precisa ser rompido. Quando a formação inicial não oferece experiências significativas com a literatura, os futuros professores podem encontrar dificuldades para desenvolver práticas de leitura mais sensíveis, criativas e significativas com as crianças. Diante disso, fica claro que é possível concluir todo o curso para professor de educação infantil sem ter cursado nenhuma disciplina de literatura infantil.

Por isso, defendemos a necessidade de uma revisão curricular nos cursos de Pedagogia, para que a literatura infantil deixe de ser vista como um conteúdo secundário e passe a ocupar um lugar essencial na formação docente. Afinal, proporcionar experiências literárias na Educação Infantil é contribuir para o desenvolvimento integral das crianças, ampliando seus conhecimentos, sua imaginação, sua sensibilidade e sua compreensão do mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida no decorrer deste trabalho demonstrou que a formação inicial docente exerce influência significativa sobre a maneira como a literatura é entendida, experienciada e trabalhada na Educação Infantil. Verificou-se que, apesar de a literatura ser considerada um instrumento essencial para o desenvolvimento integral da criança, sua presença ainda é restrita e, em muitos casos, ocupa uma posição secundária nos cursos de Pedagogia.

Dessa forma, conclui-se que a formação inicial precisa assumir o compromisso de preparar profissionais capazes de compreender a literatura como uma experiência estética, cultural e humanizadora. Investir nesse processo formativo significa contribuir para a qualidade da educação e assegurar às crianças o

direito de acessar narrativas, universos imaginários e histórias que ampliem suas perspectivas de mundo e favoreçam a construção de suas subjetividades. Quando abordada de maneira intencional e sensível, a literatura promove transformações no ambiente escolar, incentiva a formação de leitores e contribui para uma infância mais enriquecedora, significativa e repleta de sentidos.

Palavras-chave: Literatura infantil; Formação inicial de professores; Educação Infantil; Mediação de leitura; Curso de Pedagogia.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

BRASIL. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 1996.

CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: _____. Vários escritos. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
COLOMER, Teresa. A formação do leitor literário. São Paulo: Global, 2003.

COLOMER, Teresa. Andar entre livros: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.

COLOMER, Teresa. Introdução à literatura infantil e juvenil atual. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2017.

COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

FERREIRA, Maria da Conceição. A infância é o chão do adulto: reflexões sobre desenvolvimento humano. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. Retratos da Leitura no Brasil 5. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2020.

JAUSS, Hans Robert. A história da literatura como provocação à teoria literária. São Paulo: Ática, 1994.

KRAMER, Sonia. Profissão professor: identidade e profissionalização docente. 7. ed. São Paulo: Ática, 2007.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

SALDANHA, Diana; AMARILHA, Marly. Formação de professores leitores: experiências literárias na Pedagogia. Revista Linha Mestra, n. 36, 2018.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Leitura: práticas sociais e escolarização. Campinas: Mercado de Letras, 2015.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.

ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Ana Maria. Literatura infantil: história e histórias. São Paulo: Ática, 1987.